

Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa (Org.)

Carla Cristina Campos Brasil Guimarães (Org.)

Lilian Barros Gomes (Org.)

**Vivências da Residência Pedagógica - Português
- 2018-2020**

Brasília

UnB – Departamento de Teoria Literária e Literaturas

V857 Vivências da residência pedagógica [recurso eletrônico] : português : 2018-2020 / Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa, Carla Cristina Campos Brasil Guimarães, Lilian Barros Gomes (Org.). - Brasília : Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 2022.
82 p. : il.

Inclui bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web.

ISBN 978-65-89350-06-4.

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino (Estágio).
2. Literatura - Estudo e ensino (Estágio).
3. Professores - Formação. I. Barbosa, Adriana de Fátima Alexandrino Lima (org.). II. Guimarães, Carla Cristina Campos Brasil (org.). III. Gomes, Lilian Barros (org.).

CDU 378:82

Licença de uso da obra

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações (BY-NC-ND)

Revisão gramatical e ortográfica:

Carla Cristina Campos Brasil Guimarães e Lilian Barros Gomes

Autores

Ana Paula Gonçalves de Oliveira

Davi Ramos da Silva

Caroline Iltchenco Zanetti

Ian Lezan Salvador

Cássia Almeida Dourado

Jussara Silva Meireles

Matheus Bacelar dos Santos

Normalização

Carla Cristina Campos Brasil Guimarães

Graziela Barros Gomes

Lilian Barros Gomes

Design gráfico, diagramação e capa

Obra organizada por: Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa, Carla Cristina Campos Brasil Guimarães e Lilian Barros Gomes.

Sumário

Prefácio.....	5
----------------------	----------

Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa, Carla Cristina Campos Brasil Guimarães e Lilian Barros Gomes.

Para além do ensino de língua portuguesa: sobre algumas vivências na residência pedagógica.....	9
--	----------

Caroline Iltchenco Zanetti

Formação docente, concepções pedagógicas e políticas: perspectiva do programa de residência pedagógica de língua portuguesa.....	20
---	-----------

Ian Lezan Salvador

Revivência: uma nova perspectiva a respeito do ensino e aprendizagem.....	35
--	-----------

Matheus Bacelar dos Santos

Diário de bordo: um relato de experiência	44
--	-----------

Cássia Almeida Dourado

Observação e vivência: uma retrospectiva intimista da residência pedagógica	56
--	-----------

Jussara Silva Meireles

Iniciação à trilha que é tornar-se professora	64
--	-----------

Ana Paula Gonçalves de Oliveira

Relato sobre o programa de residência pedagógica: os desafios para se promover uma educação inclusiva e de qualidade	71
---	-----------

Davi Ramos da Silva

Diário de bordo: um relato de experiência

Cássia Almeida Dourado⁸

Pequenas reflexões

Primeiramente para se conceber educação o primeiro que vem a minha mente é a linguagem. Sem uma linguagem quer seja escrita, sinalizada ou visualizada não se tem comunicação. Afinal como disse Camila Pinheiro Silveira Cintia Alves dos Santos “Sem conhecimento e sem comunicação não há humanização”⁹

A língua de uma nação portanto tem fator decisivo para a transmissão de conhecimento escrito e oral. Foi este um dos motivos da minha escolha pelo curso de letras.

Pensar em ensino em um país cujo território é tão extenso que podemos classificá-lo como país a nível continental é uma tarefa deveras difícil. O último levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, realizado em 2020 aponta que no Brasil a população ultrapassa o marco de 211,7 milhões de habitantes.

Com uma ampla população, um vasto território com herança e resquícios coloniais herdados dos diferentes colonizadores, a nossa nação é um verdadeiro desafio historiográfico.

Tivemos mesclas de raças e etnias das mais variadas partes do mundo, portugueses, indígenas, africanos, asiáticos, holandeses, alemães, franceses, espanhóis dentre outros que

⁸ Licenciada em Letras Português pela Universidade de Brasília, UnB; e-mail: cassia.2012.almeida@gmail.com

⁹ <https://www.psicanaliseclinica.com/frases-sobre-comunicacao/>

além de contribuições linguísticas e fenotípicas, nos deixaram também fortes impactos culturais levando ao aparecimento regionalismos.

O término tardio da escravidão veio a incrementar o surgimento de favelas e periferias e a urbanização aumentou exponencialmente. A desigualdade social por sua vez se enraizou mais ainda na sociedade brasileira.

Um modelo padrão e engessado de ensino consegue suprir as demandas temporariamente de maneira insatisfatória, no entanto uma proposta inovadora como a do Novo Ensino Médio apresenta problemas principalmente se o estudante se transfere de unidade federativa.

Um estado apresenta tanta diferença de um para o outro que um habitante do sul do país indo para algum estado do nordeste pode ter dificuldades de comunicação apesar de todo território ter o português como língua dominante.

A linguagem interfere diretamente na aprendizagem e transmissão de conhecimento e o domínio de tal se revela como uma arma de alienação e reafirmação de domínio das classes abastadas.

“Se não estás prevenido ante os meios de comunicação, te farão amar o opressor e odiar o oprimido.” *Malcom X*¹⁰.

¹⁰ <https://www.psicanaliseclinica.com/frases-sobre-comunicacao/>

“A finalidade da comunicação é fazer-se entender. Mas há quem prefira se desentender”, *Augusto Branco*¹¹

Depois de experimentar na vida real pude perceber que a meritocracia que muito se prega não existe para a periferia, um caso isolado não é regra. Poucos que nascem com baixas condições econômicas se sobressaem.

Na verdade, porém, os chamados marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram ‘fora de’. Sempre estiveram ‘dentro de’. Dentro da estrutura que os transforma em ‘seres para outro’. Sua solução, pois não está em ‘integrar-se’, em ‘incorporar-se’ a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se ‘seres para si’. (FREIRE, 2005b, p. 70)

Muito se ouve sobre chances e direitos iguais, no entanto o que a realidade mostra é que os marginalizados sociais podem até adentrar esferas sociais de prestígio, porém são a minoria. Apesar de já ter sido considerado uma das maiores potências mundiais, o Brasil ainda possui pessoas na linha da pobreza e da fome.

“Seria na verdade uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica” (FREIRE, 1984, p. 89).

A residência

Quando estava cursando a metade final da graduação surgiu a oportunidade de participar de um projeto inovador da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, chamada por todos de CAPES. O projeto tinha como objetivo desenvolver uma forma alternativa aos estágios obrigatórios de cursos de diversas áreas de ensino das quais se incluía minha área de estudo, a língua portuguesa.

¹¹ <https://www.psicanaliseclinica.com/frases-sobre-comunicacao/>

Ao ouvir pela primeira vez a proposta da residência pedagógica entrei em um conflito interno, estava prestes a iniciar meus estágios obrigatórios e a residência era realmente tentadora. Decidi me arriscar e ver o que a experiência da residência podia oferecer.

Normalmente os estágios obrigatórios não oferecem aberturas amplas e chances de se aprofundar na organização e cotidiano escolar, a residência ao contrário oferecia várias oportunidades.

Na faculdade nos apresentam um ideal de educação, uma utopia de como deveria ser o ensino nacional. Somos ensinados sobre leis, parâmetros, índices e rankings a larga escala, mas pouco se ensina sobre as reais situações que podemos enfrentar. Aprendemos o que ensinar, mas não como.

Quando somos estudantes temos apenas uma visão limitada do processo de educação e ensino, no entanto quando atravessamos para o outro lado da mesa e nos tornamos os docentes nos deparamos com a dura realidade educacional brasileira.

Conheci a logística por trás da profissão de professor. Aprendi de maneira realista sobre as relações entre a secretaria de educação e a escola, escola e professores e por fim professores e alunos. Eu tinha uma visão muito idealista da profissão que eu estava buscando exercer e na primeira escola que entrei essa idealização foi por água abaixo.

Após a seleção dos participantes e a escolha das escolas, a residência pedagógica saiu do papel e se tornou algo concreto.

A escola para a qual fui designada no segundo semestre de 2018 foi o Centro Educacional Gisno localizado na SGAN 907 na asa norte do Plano Piloto de Brasília. Minha primeira impressão da escola não foi das melhores.

O espaço geográfico era incrivelmente bom, no entanto a infraestrutura da escola era insuficiente. O que se observava logo de início era a falta de segurança, eu e meus colegas entramos sem nenhum empecilho pois não tinha segurança na porta no período da manhã, ao

ser questionada a diretoria disse que aquela situação não era frequente o que se tornou uma inverdade pois aquela situação se repetia com uma frequência preocupante pelo turno da manhã.

A tarde o controle era maior pois os estudantes eram mais jovens. A escola era completamente diferente nos turnos de funcionamento, o matutino de ensino médio era tratado com descaso, o vespertino era tratado com rigidez e o noturno era ignorado, este último foi retirado no início de 2019. O turno noturno já sofria ameaça de ser descartado, portanto seu encerramento não foi uma surpresa, diversas turmas de todos os anos foram fechadas, vários professores tiveram que ser devolvidos para a regional de ensino. O clima era pesado.

O Gisno é uma das maiores escolas em espaço territorial do DF e uma das mais antigas construídas, carregando uma longa história desde a década de 70. O primeiro bloco apresentava problemas de fiação, algumas carteiras danificadas, o segundo bloco se assomaram também as pichações e o terceiro bloco onde os terceiros anos tinham aula era quase uma prisão.

O bloco dos terceiros era ao lado de uma zona verde, com o argumento de ser por questões de segurança quase todas as janelas tinham grades, meses depois soubemos da verdadeira razão, impedir que os alunos fugissem da escola.

A maioria dos alunos da escola mora em cidades satélites e no entorno, o que resultava em faltas constantes, atrasos frequentes e evasão escolar dos alunos. As pequenas reformas que a escola teve durante o último trimestre de 2018 e o primeiro semestre de 2019 foram em boa parte com auxílio dos Amigos da Escola (pais e funcionários)

A diferença etária dos alunos e dos residentes era relativamente pequena, o que fazia com que alguns vissem os estagiários como colegas. Em uma conversa descobrimos que os alunos tinham uma espécie de aplicativo chamado “Fuga ao Gisno” que mostravam as melhores formas de fugir da escola, quer seja por janelas, telhado ou buracos escondidos nas grades.

A meu ver o Gisno era uma verdadeira distopia, pra quem estava dentro era uma coisa pra quem se encontrava vindo de fora aparentava ser outra.

A escola é referência pois tem uma sala de alunos superdotados, com direito a lista de espera, ironicamente em sua maioria frequentada por alunos de escola particular que chegavam a pagar até 4 mil de mensalidade na rede particular de ensino.

O Centro Educacional Gisno é uma escola doente que apresentava diversos problemas estruturais, logísticos, organizacionais, administrativos e de evasão escolar. Quando vi os números do Plano Político Pedagógico e entrei na escola percebi que o que estava escrito no papel não condizia com a realidade.

Ao fazer minhas observações constatei a discrepância das informações que obtive previamente, a quantidade de alunos por turma em especial. Na lista de chamada constava uma quantidade X, mas frequentavam uma quantidade inferior Y. Em ocasiões entrei em turmas que listaram 20 alunos, mas frequentavam menos da metade. Os índices de evasão escolar observados não pareciam estar de acordo com o que nos foi mostrado em papel, percebemos então que o nível de reprovação era alto em comparação às demais escolas do plano piloto.

O Centro Educacional em minha visão não era uma escola comunitária, os pais e alunos não adotavam o colégio. Alunos vinham do entorno e das periferias do DF não existia esse sentimento de pertencimento ao local, de comunidade social.

Diziam que os melhores alunos eram encaminhados para o Paulo Freire, os medianos ao Setor Leste e os piores ao Gisno, a trindade de ensino médio público do Plano Piloto. Muitos alunos se sentiam desconfortáveis em usar o uniforme fora das dependências escolares pois sabiam da má fama do educandário.

Os alunos estavam desinteressados e o professor justificava a falta de atenção e respeito dos alunos como “Eles estão cansados porque tem que trabalhar”. Alguns alunos moravam no entorno e trabalhavam até tarde. Uma estudante em especial trabalhava em uma rede de fast food próxima saía do trabalho tarde por vezes a encontrava na rodoviária em torno das 23h, a aluna me contou que chegava em casa quase 1h da manhã e saía às 5h para chegar a tempo na escola e por vezes quando perdia a locomoção dormia na rodoviária. Quando via situações deste

tipo me vinha à cabeça uma frase do livro Capitães de Areia de Jorge Amado “*Crianças que estudam para cangaceiro na escola da miséria e da exploração do homem.*”

Como podemos falar de meritocracia quando vemos a discrepância de situações, os alunos da escola particular próxima e os alunos do Gisno? Não competiam em pé de igualdade, a escola particular oferecia todo o suporte aos seus alunos com excelência, seus estudantes não precisavam trabalhar para garantir a sobrevivência como muitos na pública.

O professor preceptor da época era um ótimo professor e uma boa pessoa, no entanto ele vitimizava excessivamente os alunos e aparentemente não confiava na capacidade dos estudantes, exigia pouquíssimo e praticamente dava nota aos alunos, que se tornaram mal-acostumados e ainda achavam-se no direito de reclamar das notas das avaliações.

Professores se separavam em três categorias básicas, os afastados por problemas de saúde e psicológicos, professores próximos de aposentar que não buscavam se atualizar e eram contrários às novidades e professores temporários que sabiam que não ficariam lá por muito tempo.

A diretoria se queixava dos poucos recursos fornecidos à escola e responsabilizava os órgãos educacionais como causadores de grande parte dos problemas físicos e administrativos da instituição.

Após o período de observação de funcionamento da escola começamos com parte prática da residência, ou pelo menos tentamos.

O nível dos alunos realmente era insuficiente em alguns aspectos, analfabetos funcionais no último ano do ensino médio era comum a todas as seis turmas que observei, porém todos tinham grande potencial em áreas diversas. Líderes natos, cantores, escritores, compositores, rappers, atletas e artistas prontos para serem lapidados não faltavam.

“Um dos grandes pecados da escola é desconsiderar tudo com que a criança chega a ela. A escola decreta que antes dela não há nada. — Paulo Freire, livro Pedagogia da Autonomia.”¹²

As aulas eram difíceis de ser ministradas porque a diversidade era grande, em uma mesma turma podíamos encontrar alunos com TDAH e TOD. Tivemos alunos com bipolaridade, depressão, bulimia e dupla personalidade. Os alunos DAs que possuíam carência auditivas mais profundas eram separados durante a aula de português, os que conseguiam ler lábios e tinham perdas leves permaneciam em sala frequentemente.

Preparar uma aula para esse mar de heterogeneidade era um desafio, por isso os professores em sua maioria se apegaram a modelos engessados de aula e quase nunca fugiam da mesmice, outra contribuição para o desinteresse dos estudantes. Os discentes pediam para que nós residentes dessemos aulas mais interativas.

No início de 2019 tivemos o triste episódio do massacre em Suzano e o Gisno passou por algumas ameaças, o que ocasionou até em discussões em torno da gestão compartilhada da escola com militares.

No primeiro semestre do mesmo ano um coordenador se empolgou com o projeto da residência e tentou desenvolver conjuntamente oficinas para os alunos. Todas as tentativas renderam fracassos absolutos.

¹² Fonte: "Pedagogia da Autonomia: saberes necessários para a prática educativa".

Finalmente entendi quando uma professora comentou comigo que “O Gisno é como uma máquina de adoecimento”. Em uma visita a biblioteca soube que a instituição possuía quase a mesma quantidade de professores readaptados que o número de professores em ação efetiva.

A escola não era de todo ruim, professores e coordenadores faziam feiras esportivas, de conhecimento e conversavam com os alunos, no entanto esses episódios não conseguiam suplantar os momentos problemáticos. O Gisno não era uma escola ativamente participativa na integração família e ambiente escolar, pois parte esmagadora de seus alunos reside fora do plano, os pais raramente participavam quando chamados.

Um dos problemas que constantemente rondavam o Gisno era o territorial. Uma faculdade das proximidades e diversos comércios ao redor aparentemente tem interesse declarado em comprar os terrenos que pertencem ao Gisno para ampliar seus comércios e estacionamentos. Partes do terreno que deveriam estar sob tutela do Gisno estariam (segundo professores e alunos) ocupados ilegalmente por estes.

Defronte a tantos problemas internos e externos, a dificuldade de se ter abertura para atuar e o fato de estarmos a um ano sem conseguir fazer avanços, fez com que tivéssemos que trocar de instituição, passando a atuar no Centro de Ensino Médio Paulo Freire, com uma nova preceptora, saindo de português para PD no turno matutino. A preceptora também lecionava língua portuguesa no turno vespertino no Centro de Ensino Fundamental 07 de Brasília o qual pouco pude visitar.

Localizado no Setor de Grandes Áreas Norte, o Centro de Ensino Médio Paulo Freire estava a menos de 4 quilômetros do Gisno, e em pouco mais de 2 quilômetros do mesmo na W 5 Norte SGAN 912 Módulo A/B se encontra o CEF 07.

Mudamos de água para vinho. O Paulo Freire era superior em quase todos os aspectos ao CED Gisno. Os alunos eram mais participativos, a estrutura era melhor, a segurança era mais rígida, e a participação da comunidade escolar estava nítida.

O CEM Paulo Freire já recebia o projeto de residência em diversas disciplinas além de muitos outros programas, os alunos estavam acostumados a estagiários, a recepção e a abertura para desenvolvimento de atividades em sala de aula era e é amplo, embora projetos no contraturno apresentarem problemas quanto a frequência.

Essa nova escola restaurou em mim o desejo de ser professora que em muito havia se perdido por conta da experiência anterior. Ter contato com os alunos, poder de fato dar regências, ensinar e ser questionada pelos alunos foi uma experiência inesquecível. A escola nos permitiu assistir reuniões de pais, coordenações de professores e entrega de boletins. Nossa preceptora, Lilene, nos permitiu assumirmos turmas e sempre que necessário intervia em particular e nos aconselhava em como melhorar.

No primeiro dia a coordenação do Paulo Freire providenciou identificação para podermos acessar as dependências escolares sem sermos confundidos com alunos ou barrados, nos forneceram espaços para reunião e nos permitiu livre acesso e uso a sala de professores e biblioteca escolar. Igualmente bem fomos recebidos no CEF 07 o qual também nos fornecia alimentação e todo material necessário para ministrar as aulas.

As aulas se ministraram de maneira satisfatória, os alunos nos procuravam para sanar dúvidas, os projetos e oficinas caminhavam bem, os alunos eram ativos e raramente dormiam em sala de aula.

Percebi um certo descaso por parte da secretaria de educação em relação ao CED Gisno, ao invés de tentar melhorá-lo muitos apoiavam a tentativa de militarizá-lo. Passamos cerca de um ano no Gisno e em nenhum momento a secretaria de educação foi sequer mencionada, a não ser quando se falava sobre a falta de verbas, também não vimos nenhum representante da regional de ensino. No CEM Paulo Freire vimos algumas vezes, principalmente nas eleições de diretoria, representantes da secretaria de educação e da regional de ensino.

A Residência Pedagógica me permitiu trabalhar e experimentar em primeira mão o impacto que a educação causa na vida dos estudantes e como a ausência dela perpetua um longo

histórico de segregação classial, além de reafirmar que o acesso à educação de qualidade está sim relacionado a condições econômicas.

Ressalto também a diferença social entre alunos, pode-se facilmente notar que a maioria dos alunos do Paulo Freire estão em melhores condições financeiras que boa parte dos alunos do Gisno.

Em nenhum momento tive contato com secretaria de educação ou a regional de ensino especificamente devido a residência pedagógica e em pouco senti que elas impactaram no projeto, com exceção de permitir a nossa entrada nas escolas.

A UNB pela minha perspectiva poderia ter feito mais, como por exemplo fornece materiais para utilizarmos nas regências, no entanto, proporcionou espaço para conversas e oportunidades para debatermos e trocarmos experiências. Acredito que a permanência dos residentes nesse projeto se deve expressivamente aos esforços da orientadora Adriana de Fátima, que se dispôs a nos ouvir e encontrar soluções aos problemas que apareciam.

A residência me permitiu ter experiências, que talvez nos estágios convencionais eu jamais poderia ter, e com certeza me ajudarão a ser uma profissional melhor. Durante as regências tive a chance de lidar com alunos com diversas síndromes, distúrbios e especificações, junto com os alunos “normais”, aprendi a dosar as minhas aulas, além de me adaptar a cada situação que aparecer. Tive contato com residentes de educação física, biologia, inglês e artes e o compartilhamento de vivências foi imprescindível para a troca de saberes.

O curso de letras poderia ser beneficiado se adotasse um modelo semelhante ao da residência pedagógica em seus estágios. O projeto da residência pedagógica forneceu uma contribuição na formação de professores única, pois permitiu entrar no centro das escolas e saber o que realmente a profissão de professor carrega consigo. A residência pedagógica me ensinou que nenhum livro, nenhum relato, nenhuma aula na universidade, absolutamente nada, pode substituir de fato a experiência.

Referências

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: *Paz e Terra, 2005a*.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, *2005b*.

Psicanálise Clínica. Disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/frases-sobre-comunicacao/>